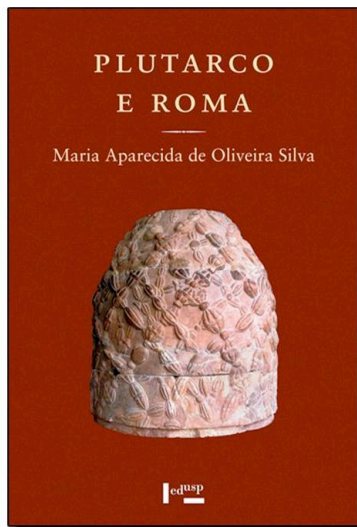


SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Plutarco e Roma. O Mundo Grego no Império*. São Paulo: EDUSP, 2014. ISBN 978-85-314-1481-7, 320 págs.

Entregado: 30/11/2015

Evaluated: 07/12/2015


Aceptado: 12/12/201



Plutarco e Roma é a edição da tese de doutorado de Maria Aparecida de Oliveira Silva, defendida na USP em 2007. Graças à Coordenação de Aperfeiçoamento Superior (CAPES), pôde fazer um estágio na *École Française de Rome* que, sem desconsiderar o recurso à internet, permitiu elaborar um trabalho que impressiona pela bibliografia consultada, principalmente em francês, inglês, mas também em italiano e alemão: praticamente em todas as seções há considerável e pertinente avaliação de obras relacionadas a cada ponto abordado. Outro aspecto relevante é o recurso a diversas obras de Plutarco¹ (c. 40-127 EC) - e a Tucídides, Heródoto e especialmente a Platão, pois a

filosofia deste deixou sua marca no autor que passou a ser traduzido no continente europeu a partir do século XVI. O nativo de Queroneia foi um homem política e intelectualmente muito ativo – viajou pela Grécia, Ásia Menor, Sicília, visitou Alexandria e foi a Roma algumas vezes; estudou filosofia, retórica, medicina... em Atenas, foi sacerdote em Delfos, iniciado nos Mistérios, magistrado e embaixador de sua pólis. Boa parcela de sua obra sobreviveu até nós. Sob o título de *Moralia* estão uma série de trabalhos diversos, incluindo um valioso texto sobre a estória de Isis e Osíris. O trabalho mais famoso é a coleção de biografias de personagens gregos, romanos e de alguns bárbaros – as *Vidas Paralelas* -, agrupadas em duas e seguidas de uma breve comparação. Maria Aparecida Silva já as analisara


¹ A autora é, no momento, a principal divulgadora da obra plutarquiana no Brasil, tendo traduzido e publicado: *Da Malícia de Heródoto* (São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2013) e *Da educação das crianças, Como tirar proveito de seus inimigos, Como distinguir o bajulador do amigo*..editadas pela EDIPRO (São Paulo, 2015). Recentemente, publicou o resultado de um novo e admirável empreendimento: a tradução do primeiro livro das *Histórias*, de Heródoto (EDIPRO, 2015).



parcialmente quando de sua pesquisa de mestrado² e, por ocasião do doutorado, foi a principal fonte para realização do objetivo principal: defender a tese de que aquele súdito romano era um crítico da política imperial e também um “contribuinte de um movimento de intelectuais gregos edificadores de um modelo identitário para aqueles que compartilhavam hábitos, costumes e práticas culturais [gregos]” (p. 22). Um modelo identitário, como ressalta a autora, para uma comunidade sob domínio imperial há 250 anos... portanto, *Plutarco e Roma* pode interessar a leitores igualmente preocupados em refletir sobre a identidade de comunidades subjugadas em qualquer período da história. E a leitura será facilitada pela linguagem simples, clara, e portanto acessível a um público não iniciado nos estudos sobre o passado greco-romano³. Por outro lado, em vista da já mencionada riqueza de referências documental e bibliográfica, o leitor poderá iniciar-se no campo e também compreender as dificuldades específicas do mesmo, a começar pela necessidade de possuir o domínio necessário do idioma antigo para a consecução dos objetivos de cada pesquisa. Será uma expansão considerável do público visado originalmente: aqueles que ocupavam posições de comando (p. 287). O livro é dividido em três partes. Em “Plutarco e Roma” são, primeiro, abordadas algumas teorias da linguagem para situar teoricamente bibliografia a ser comentada. Ademais, em todo o trabalho, quando necessário, são feitas considerações teóricas tópicas, como quando, depois de considerar brevemente ideias de Homi Babha sobre identidade, oferece uma formulação pessoal sobre o tema afirmando que a “identificação” implica a transformação do sujeito que a elabora (p. 203). Na segunda seção desta primeira parte é avaliada a chamada “Segunda Sofística”, quando Plutarco é apresentada como crítico do domínio romano e proponente de uma identidade grega sob domínio imperial. Tudo isso apesar de ter sido, ao que parece, um súdito muito bem inserido no Império: recebeu a cidadania romana graças à intercessão do amigo cônsul *Lucio Mestrio Floro*; foi procurador imperial na província de Acaia e fontes posteriores atribuíram a *Lucius Mestrius Plutarchus* (o nome do cidadão romano Plutarco) o governo da província da Ilíria, algo muito desacreditado pelos comentaristas. Destaco a visão positiva da relação entre retórica e conhecimento presente nesta seção e também em outros momentos do texto (p. 58, p. 75, p. 238)... algumas vezes por simplesmente aceitar aquilo que está em suas fontes: havia, no Império, uma relação inseparável entre formação intelectual e política e retórica. O interesse dos autores da *Segunda Sofística* pela cultura de seus antepassados não foi, por conseguinte, um recurso estético superficial, mas parte do movimento de constituição identitário de uma comunidade

2 Editada em 2006 pela EDUSP com o título de *Plutarco historiador. Análise das biografias espartanas*.

3 Estranhei apenas o galicismo “armada” para “exército”(p.129).



eticamente heterogênea. Maria Aparecida de Oliveira Silva critica, de forma correta a meu ver, a visão depreciativa da historiografia sobre os efeitos da retórica na escrita histórica greco-romana. É um lugar-comum restringir a antiga técnica de persuasão - ou de bem falar, ou de bem escrever- a um conjunto de recursos capaz apenas de iludir e de adornar relatos, afastando-os da transmissão da verdade (p. 35, p. 238). Na segunda seção - “O Mundo Grego de Plutarco” - ter aquele heleno escrito uma história gloriosa do passado grego. Foi uma visão restrita ao universo da pólis independente, também usada para criticar governantes do passado e do seu presente, incluindo imperadores romanos. Na apresentação do livro, Maria Aparecida Silva promete discutir na última parte - “Mundo Grego no Império” - “as influências da cultura grega na constituição do Império Romano” (p. 23). Trata-se, porém, a meu ver, da avaliação do paradoxo de um dominador (Roma) adotar a cultura de um dominado (Grécia). É uma preocupação a unir diversos e importantes autores: Edward Gibbon, Arnold Toynbee, Johann Droysen, Arnaldo Momigliano, Paul Veyne, Richard Hingley e Greg Woolf, entre outros. Por isso, são abordadas os conceitos de helenização, romanização e imperialismo. É uma discussão complexa. Há muito, como é comentado no início do texto (p. 37-39), foi abandonada a ideia de uma Roma que, como a Europa do XIX, civilizou a barbárie inferior. Maria Aparecida, em certo momento, afirma: “A nosso ver, como sintetiza Gozzoli⁴, o processo de romanização do império varia conforme a resistência armada e o nível cultural do dominado” (p. 224). Certamente a ideia de “nível cultural inferior” não está de acordo com o restante de *Plutarco e Roma*. Porque é corretamente resumido na conclusão a visão contemporânea de que não houve unidade cultural, nem tampouco civilização de inferiores. As culturas locais coexistiram e se combinaram de diversas forma com a latina, já compósita desde seus primeiros tempos. O que também resultou da eficaz estratégia romana de agregar ao seu domínio os súditos e suas realidades pela concessão da cidadania (p. 286). Clareza, por outro lado, há na apresentação do argumento de que, para seu investigado, a Hélade era um todo construído pela cuidadosa e seletiva visão do passado das pólis independentes, representadas por Atenas e Esparta, de Teseu a Péricles (p. 240). A Guerra do Peloponeso (431-404 AEC), como para muitos intérpretes posteriores, é o marco do declínio helênico e não há glória na história posterior que compense o desastre do conflito entre atenienses, peloponésios e respectivos aliados. Esparta e Atenas são o ambiente privilegiado da constituição plutarquiana de uma identidade capaz de oferecer ao grego uma cultura constituidora de uma comunidade submetida ao domínio romano. Nem revolta, nem

4 Em “Fondamenti ideali e Pratica Politica del Processo di Romanizzazione nelle provincie”, *Athenaeum*, vol. 75, fasc. I-2, pp. 81-82, 1987. Nota original.



revolução. Sobrevivência. Há muito o que se destacar neste livro que, além de apresentar importante colaboração para o tema geral da identidade de dominados, do estudo específico do que é ser um heleno culto no Império, oferece ao leitor um conjunto admirável de informações e avaliações sobre a História Greco-Romana.

Anderson Zalewski Vargas
Universidad Federal de Río Grande del Sur
vargaszal@hotmail.com